

ANA MARGARIDA OLIVEIRA DOS SANTOS

**PARENTALIDADE NA INFÂNCIA: RELAÇÃO COM A
PARENTALIDADE E QUALIDADE DE VIDA ATUAL**

Orientadora: Professora Doutora Cláudia Camilo

Coorientador: Professor Doutor Nélio Brazão

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense

Lisboa

2022

Ana Margarida Oliveira dos Santos
Parentalidade na infância: Relação com a parentalidade e qualidade de vida atual

ANA MARGARIDA OLIVEIRA DOS SANTOS

PARENTALIDADE NA INFÂNCIA: RELAÇÃO COM A PARENTALIDADE E QUALIDADE DE VIDA ATUAL

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção de Grau de Mestre em Psicologia Forense no Curso de Mestrado de Psicologia Forense, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 6 de abril de 2022 perante o júri nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral nº 41/2022, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.^a Doutora Ana Rita Cruz

Arguente: Prof.^a Doutora Carla Silva (ISCTE-IUL)

Orientadora: Prof.^a Doutora Cláudia Camilo

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa
2022

Epígrafe

*“No dia em que a tua família deixar
de estar em primeiro lugar na tua vida
(...) volta atrás porque te enganaste no
caminho.”*

Raul Minha'alma

Dedicatória

*Ao meu pai.
Onde estiveres sei que estarás orgulhoso.*

Agradecimentos

Para além de resiliência, num ano atípico mundialmente, para finalização desta etapa académica foi necessário estar acompanhada das melhores pessoas, às quais agradeço profundamente.

Desta forma, quero agradecer pessoalmente:

À minha orientadora, Professora Doutora Cláudia Camilo, por toda a disponibilidade e ajuda prestada. Foi, sem dúvida, um trabalho de equipa. Obrigada por ter sido a melhor orientadora que eu poderia ter escolhido.

Às minhas amigas e colegas de Mestrado, Catarina Sousa e Rita Pereira, que apesar de todas as dificuldades, estiveram sempre do meu lado e nunca me deixaram desistir.

À minha melhor amiga, Mariana Luís, que sendo educadora de infância, despertou em mim o interesse pela temática infantil e da parentalidade.

Ao meu namorado, Rúben, por ouvir os meus desabafos e acalmar todos os meus desesperos. Mostraste-me que tenho ao meu lado a pessoa certa.

E, por último, à pessoa mais importantes da minha vida, à minha mãe Maria Santos, por acreditar no meu valor e apoiar-me sempre.

Resumo

Considerando que a parentalidade ocupa um papel central no desenvolvimento da pessoa, o estudo das experiências de parentalidade na infância e a sua influência na forma como os pais, em adultos, exercem a sua função parental, assume particular importância. Por outro lado, a satisfação com a parentalidade exercida em adulto pode ter impacto na qualidade de vida do indivíduo. O presente estudo tem como objetivo explorar o papel das experiências de suporte emocional, rejeição e sobreproteção vividas na infância na qualidade de vida psicológica atual, e especificamente explorar o papel mediador das práticas parentais atuais dos indivíduos, com os seus filhos, nesta relação.

Para o efeito, 97 participantes com filhos entre os 6 e os 11 anos preencheram os seguintes instrumentos on-line: EMBU-M, para avaliar as práticas parentais na infância; EMBU-P, para avaliar a parentalidade atual; e WHOQOL-Brief, que avalia a qualidade de vida.

De um modo geral, os resultados da presente investigação sugerem que as práticas parentais atuais positivas se encontram associadas a experiências positivas na infância, com ambos os progenitores. Os resultados revelaram também que o exercício de uma parentalidade positiva tem um impacto positivo na qualidade de vida psicológica dos indivíduos. Todavia, não foram encontrados efeitos indiretos.

Palavras-chave: parentalidade, estilos parentais, experiências na infância; qualidade de vida.

Abstract

Considering that parenting plays a central role in the development of the person, the study of parenting experiences in childhood and its influence on the way in which parents, as adults, exercise their parental role, is of particular importance. Also, the satisfaction with parenting as an adult can have an impact on the individual's quality of life. The present study aims to explore the role of childhood experiences of emotional support, rejection and overprotection in the current psychological quality of life, and specifically to explore the mediating role of the current parenting practices of individuals, with their children, in this relationship.

For this purpose, 97 participants with children between 6 and 11 years old completed the following instruments online: EMBU-M, to assess parenting practices in childhood; EMBU-P, to assess current parenting; and WHOQOL-Brief, which assesses quality of life.

Overall, the results of the present investigation suggest that current positive parenting practices are associated with positive childhood experiences with both parents. The results also revealed that the exercise of positive parenting has a positive impact on the psychological quality of life of individuals. However, no indirect effects were found.

Keywords: parenting, parenting styles, childhood experiences; quality of life.

Índice

Introdução	10
Parte I – Enquadramento teórico	12
1.1. Conceptualização da parentalidade e sua importância no desenvolvimento do indivíduo	13
1.2. As experiências de parentalidade na infância e a parentalidade atual	15
1.2.1. Experiências adversas na infância.....	15
1.2.2. O impacto das experiências de parentalidade na infância na qualidade de vida do adulto.....	17
1.3. A relação entre a parentalidade atual e o bem-estar/qualidade de vida	17
1.4. Problema de investigação e objetivos	19
Parte II - Metodologia	20
2.1. Participantes.....	21
2.2. Instrumentos.....	21
2.3. Procedimento de recolha e análise de dados.....	23
Parte III - Resultados e discussão	24
3. Resultados	25
3.1. Experiências na infância com o pai e com a mãe	25
3.2. Associação entre as variáveis em estudo	25
3.3. Papel mediador da parentalidade atual na relação entre as experiências com os pais na infância e a qualidade de vida psicológica em adulto.....	28
4. Discussão	30
Conclusão	33
Referências	34

Lista de Figuras

Figura 1. Resultados do modelo de mediação da parentalidade atual na relação entre as experiências maternas na infância e a qualidade de vida em adulto

Figura 2. Resultados do modelo de mediação da parentalidade atual na relação entre as experiências paternas na infância e a qualidade de vida em adulto

Lista de Tabelas

Tabela 1. Resumo de médias, desvios-padrão e intervalo para variáveis de estudo (n = 97)

Tabela 2. Correlações entre variáveis dependentes e independentes (n = 97)

Introdução

A família desempenha um papel crucial no desenvolvimento da criança na medida em que é o seu primeiro contexto de socialização (Bronfenbrenner, 1996) e, dessa forma, deve assegurar e garantir o seu bem-estar.

A literatura evidencia que, ao longo dos anos, o conceito de família tem sofrido alterações. A família tradicional incutia uma autoridade patriarcal com o objetivo da transmissão do património, enquanto nos séculos XVII e XX a família moderna assumia, conjuntamente com o Estado, a responsabilidade da criança através de reciprocidade afetiva. A família pós-moderna, a partir de 1960, interagia apenas para obtenção de relações íntimas e sexuais e, por fim, atualmente, a família contemporânea assenta numa estrutura segura e afetiva (Roudinesco, 2003).

Na família, definida como *“um conjunto de pessoas ligadas entre si (...) por laços biológicos ou afetivos que se vão estabelecendo ao longo do tempo”* (Goldschmidt, 2003), a figura parental tem como responsabilidade assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança. Assim sendo, as atividades parentais devem contemplar cuidados ao nível físico (e.g., segurança, proteção, alimentação), emocional (i.e., regulação das emoções), social (i.e., promoção de competências interpessoais) e disciplinar (i.e., imposição de limites) (Hoghugh, 2004). Sendo que o comportamento parental ocorre através de processos afetivos e cognitivos (Grych, 2002), os estilos educativos parentais influenciam o desenvolvimento do indivíduo (Darling & Steinberg, 1993). Especificamente, os estilos e práticas dos pais na infância parecem ter influência num conjunto de domínios da vida da criança, com implicações no ajustamento psicológico e bem-estar futuro dos indivíduos (e.g., Edwards et al., 2003). Para além disso, a investigação tem demonstrado que as experiências parentais na infância apresentam uma importante influência na forma como os pais exercem a sua função parental. Especificamente, a literatura sugere que a parentalidade é recriada e transmitida intergeracionalmente (Lundberg et al., 2000). Todavia, pouco se tem estudado sobre o papel dos estilos e práticas parentais dos indivíduos na relação entre as experiências da infância e a sua qualidade de vida e ajustamento psicológico em adulto.

Assim, o presente estudo tem como objetivo explorar o papel das experiências de suporte emocional, rejeição e sobreproteção vividas na infância na qualidade de vida psicológica atual, e especificamente explorar o papel mediador das práticas parentais atuais dos indivíduos, com os seus filhos, nesta relação. No primeiro capítulo é apresentada a Fundamentação teórica do tema, através de uma revisão de literatura sobre a parentalidade e o seu impacto no

desenvolvimento do indivíduo, a relação entre as experiências com os pais na infância e a parentalidade atual, e a relação entre a parentalidade exercida e o bem-estar do adulto. No segundo capítulo é apresentada a Metodologia do estudo, nomeadamente a descrição dos participantes, os instrumentos aplicados e os procedimentos de recolha e análise de dados. No terceiro capítulo são descritos os resultados obtidos e a discussão desses resultados à luz da literatura. Por fim, o último capítulo é constituído pela Conclusão, que apresenta as principais limitações do estudo e implicações para a investigação e prática.

Parte I – Enquadramento teórico

1.1. Conceptualização da parentalidade e sua importância no desenvolvimento do indivíduo

O estudo da parentalidade revela-se importante visto que é na família que ocorrem as primeiras interações do ser humano, influenciando o desenvolvimento de competências básicas (Harkness & Super, 2002; Sigel & McGillicuddy-De Lisi, 2002) ao nível intelectual, emocional e social das crianças (Parke & Buriel, 2006).

Neste sentido, a relação parental inicia-se através da vinculação que corresponde a uma relação persistente, desde os primeiros anos de vida, com uma figura responsável, através de uma ligação emocionalmente significativa (Soares, 2009), com o objetivo de assegurar cuidados face às necessidades da criança (Bowlby, 1990). A vinculação segura ocorre quando a figura cuidadora compreende e interpreta os sinais da criança através da sensibilidade e da disponibilidade emocional (Ainsworth, 1967) consequentemente as crianças apresentam níveis mais elevados de competências sociais, competências de resolução de problemas e comportamentos afetivos, sendo cognitivamente flexíveis (e.g., gestão de impulsos e emoções), autónomas, autoconfiantes e empáticas (Ainsworth, 1978). Em oposição, crianças com vinculação insegura apresentam maior prevalência de perturbações ansiosas e de comportamento (Sroufe, 2000), associadas a sintomatologia depressiva, isolamento e problemas de autoconceito (Bowlby, 1988; Graham & Easterbrooks, 2000).

Para além de outros fatores, a vinculação das crianças é influenciada pelas práticas parentais, que são estratégias utilizadas com o intuito de suprimir comportamentos inadequados e estimular comportamentos adequados (Alvarenga, 2001), e pelos estilos parentais, que constituem um conjunto de atitudes que traduzem a natureza da interação entre pais e filhos (Darling & Steinberg, 1993). Assim sendo, tanto o ambiente onde a criança se desenvolve como a vinculação estabelecida tem impacto no seu desenvolvimento (Malekpour, 2007).

Baumrind (1966) foi pioneira no estudo dos estilos parentais através da integração dos aspetos afetivos e comportamentais envolvidos na parentalidade, propondo um modelo de estilos parentais com base na compreensão dos níveis de exigência dos pais através de três estilos parentais, sendo eles: autoritário, permissivo e autoritativo.

Posteriormente, Maccoby e Martin (1983) propuseram um modelo teórico de estilos parentais através da exigência (i.e., atitudes de controlar os comportamentos dos filhos através da imposição de limites e estabelecimento de regras) e da responsividade (i.e., atitudes compreensivas através do apoio emocional).

Assim, de acordo com estes dois eixos (i.e., exigência e responsividade), foram definidos quatro tipos de estilos parentais, tais como: o estilo autoritário, que resulta da combinação entre altos níveis de exigência e baixa responsividade (i.e., desequilíbrio entre as exigências deles e a aceitação das exigências dos filhos); o estilo autoritativo, que resulta da combinação entre exigência e responsividade em altos níveis (i.e., equilíbrio entre a exigência e responsividade); o estilo permissivo, que resulta da combinação entre baixos níveis de exigência e altos níveis de responsividade (i.e., postura de aceitação onde atendem às necessidades da criança sem fazerem exigências); e, por último, o estilo negligente, que resulta da combinação entre exigência e responsividade em baixo níveis (i.e., não fazem exigências, não colocam limites nem atendem as necessidades da criança) (Maccoby & Martin, 1983).

A investigação tem demonstrado que o estilo autoritativo está associado a padrões de parentalidade mais positivos com melhores resultados para o desenvolvimento das crianças (Williams et al., 2009) e, em oposição, o estilo parental mais autoritário está associado a uma parentalidade mais abusiva e coerciva (Baumrind, 1966, 1971).

A investigação na área da parentalidade tem também identificado um conjunto de dimensões de comportamento parental, entre as quais se destacam o controlo comportamental, o controlo psicológico e o suporte/afeto (e.g., Gray & Steinberg, 1999). A dimensão de controlo comportamental diz respeito ao uso de estratégias de controlo dos comportamentos das crianças, como por exemplo o estabelecimento de uma consequência, sugerir alternativas, explicar porque a regra é aplicada, definir limites e monitorizar os comportamentos. A dimensão de controlo psicológico consiste na indução de culpa na criança, utilizar um tom hostil, envolver-se emocionalmente em demasia e fazer ameaças manipulativas. Já a dimensão de suporte/afeto é composta por comentários positivos sobre a criança e sobre os seus comportamentos, afirmações, ou escutar ativamente a criança. As práticas parentais são estratégias adotadas com o intuito de suprimir comportamentos inadequados e estimular comportamentos adequados (Alvarenga, 2001) no entanto podem ser influenciadas pelas características individuais tanto dos pais (e.g., história do desenvolvimento personalidade, psicopatologia) como das crianças (e.g., temperamento), consoante o contexto sociocultural em que estão inseridos (Belsky & Jaffee, 2006).

É de maior importância realçar a história de desenvolvimento do indivíduo visto que, segundo Belsky (e.g., 1984), a história desenvolvimental do indivíduo influencia o desenvolvimento da sua personalidade que, consequentemente, tem implicações nas suas práticas parentais.

Como mencionado anteriormente, a personalidade influencia o estilo parental e o exercício das suas práticas visto que afeta tanto o pensamento como as ações dos pais (Belsky, 1984; Morse, 2010). À luz da Teoria dos Cinco Fatores, a Extroversão corresponde a um maior envolvimento com o contexto social verificando-se que os pais se tornam mais responsáveis e sensíveis às necessidades da criança. No mesmo sentido, a Conscienciosidade é um traço educativo auxiliar visto que lhes fornece ferramentas para uma educação mais hábil e calorosa. Em oposição, altos níveis de Neuroticismo estão relacionados negativamente com comportamentos parentais adaptativos. Assim, verifica-se que os pais que apresentam baixos níveis de Neuroticismo conjugados com elevados níveis de Amabilidade, Extroversão, Abertura à Experiência e Conscienciosidade poderão apresentar um padrão parental de maior suporte, responsividade e estimulação intelectual à criança (Belsky & Jaffee, 2006).

Associado ao desenvolvimento e à predisposição de traços da personalidade surge a importância da psicopatologia. Estudos indicam que a depressão é a psicopatologia mais presente na parentalidade. Dado que a depressão desencadeia alterações a nível cognitivo e comportamental, associa-se a depressão materna e paterna a práticas educativas severas e negativas. No entanto, salienta-se que a associação entre depressão e parentalidade é influenciada por fatores internos e externos ao indivíduo (e.g., cronicidade dos episódios, contexto social e estatuto socioeconómico). A depressão na parentalidade está maioritariamente presente nas mães. No entanto, segundo a literatura, verifica-se que a depressão influencia de forma semelhante os pais. Assim, à depressão materna e paterna encontram-se associados baixos níveis de parentalidade positiva e altos níveis de parentalidade negativa e severa (Cummings et al., 2005).

1.2. As experiências de parentalidade na infância e a parentalidade atual

1.2.1. Experiências adversas na infância

As experiências adversas na infância são eventos traumáticos, ocorridos desde o nascimento até aos 18 anos de idade (Kessler et al., 2010), que afetam a saúde e o funcionamento ao longo da vida (Rizzini & Dawes, 2001) sendo categorizadas em maus-tratos, negligência e disfunção familiar (Centers for Disease Control and Prevention, 2016).

Os maus-tratos (i.e., abuso infantil) dizem respeito tanto a agressões físicas (e.g., lesões no corpo) como agressões psicológicas (e.g., comportamento hostil ou ameaçador) que colocam em causa o bem-estar da criança (Azevedo & Maia, 2006). O abuso físico é o mais facilmente identificado através de lesões diagnosticáveis (Farinatti et al., 1993; Garbarino & Eckenrode,

1997; Oates et al., 2000), decorridas de repetidos internamentos hospitalares, provocados pelo uso de força ou lançamento de objetos contra a criança (Oates et al., 2000; Pires, 1999).

A negligência ocorre quando os cuidadores não asseguram as necessidades básicas (e.g., físicas, psicológicas, sociais e intelectuais) da criança (Azevedo & Maia, 2006).

A disfunção familiar (i.e., destruturação familiar) incide sobre variados aspetos do contexto familiar pautados por um desfavorecimento relativamente aos estilos e práticas adotadas no exercício da parentalidade (e.g., ausência de afetividade, ausência de comunicação) (Grotevant & Cooper, 1988).

O conceito de transmissão intergeracional da parentalidade corresponde à relação entre a dinâmica parental experienciada e a dinâmica que é recriada e transmitida (Lundberg et al., 2000). Assim, o ciclo de violência ocorre quando as pessoas maltratadas, durante a infância, utilizam práticas semelhantes, na vida adulta, com os filhos. Este ciclo pode ser explicado através da Teoria da Aprendizagem Social, por processos de modelação (i.e., aprendizagem por observação) (Bandura, 1979), verificando-se que os pais que foram expostos a altos níveis de coercividade na infância têm maior probabilidade de exercer uma prática educativa severa (Simons et al., 1991). Os pais abusivos evidenciam pouca demonstração de carinho e intensa rejeição à criança (Kashani & Allan, 1998). Consequentemente, as vítimas de abuso percecionam a família como menos adaptada e coesa, referindo os pais como rígidos. Devido ao afastamento emocional (Pelcovitz et al., 2000) desenvolvem-se representações inseguras relativamente às figuras parentais (Benavente et al., 2009; Marques, 2006).

Os fatores de risco, para a manutenção de práticas parentais mais abusivas, assentam na aceitação cultural da violência e na visão cultural de posse da criança (i.e., dever de obedecer) relacionados com a ausência do reconhecimento dos direitos da criança (Koller, 1999). Contudo, o ciclo da violência pode terminar se existirem fatores protetores, tais como: resiliência infantil e familiar, coesão familiar (e.g., companheiro que forneça apoio e bem-estar emocional) (Morimoto e Sharma, 2004), rede de suporte social e participação em psicoterapia ou grupos de autoajuda (Cecconello, 2003). Deste modo, a não intergeracionalidade ocorre tanto pela quebra de padrões familiares como pela procura e divulgação de conhecimentos científicos (Weber, 2005). Verificou-se que os pais que reconhecem o ciclo de abuso, desejam proteger os filhos de situações semelhantes àquelas que vivenciaram na infância, atentando às suas práticas parentais como meio de quebrar o ciclo.

1.2.2. O impacto das experiências de parentalidade na infância na qualidade de vida do adulto

As experiências adversas na infância podem ser consideradas um fator de risco para as práticas parentais visto que acarretam consequências negativas ao nível do funcionamento individual e, desse modo, pior qualidade de vida e de saúde (Kessler et al., 2010; McLaughlin, 2016).

Apurou-se que, quanto pior a história de adversidade na infância, maior a existência de doenças físicas e psicológicas em adulto (Edwards et al., 2003). Assim, associa-se a psicopatologia (e.g., trauma, stress pós-traumático e depressão) a práticas parentais prejudiciais, demonstrando-se emocionalmente menos acessíveis, responsivos, recíprocos e efetuosos, sem capacidade de discernimento entre as suas necessidades e as da criança (Mowbray et al., 2002).

De forma preventiva, considerando a saúde física e psicológica familiar (Cecconello, 2003), é fundamental a existência de uma rede de apoio especializada (e.g., pediatras, psicólogos) (Biasoli-Alves et al., 1997) que oriente as práticas educativas, fornecendo informações relativas ao desenvolvimento infantil e à intergeracionalidade do mau-trato.

1.3. A relação entre a parentalidade atual e o bem-estar/qualidade de vida

O bem-estar subjetivo corresponde ao conjunto de respostas emocionais (Bradburn, 1969; Diener, 1984; Diener et al., 1997) referentes à própria existência (Diener e Lucas, 2000) através de pensamentos, sentimentos, valores, experiências e expectativas (Bradburn, 1969; Cantril, 1967; Gurin et al., 1960). Um adequado bem-estar subjetivo alude à satisfação de vida conjugada com altos níveis de afetividade positiva e baixos níveis de afetividade negativa (Bradburn, 1969; Diener, 1984; Diener et al., 1997).

A sensação de bem-estar ou satisfação com a vida relaciona-se com a capacidade de lidar com episódios específicos de vida e, dessa forma, alterações do bem-estar psicológico podem associar-se a eventos stressantes no domínio pessoal, social ou cultural, acarretando sofrimento.

O Modelo do Funcionamento Parental propõe que a relação estabelecida entre o bem-estar psicológico dos pais e o seu funcionamento parental tem origem nas experiências aquando do seu crescimento e desenvolvimento (García & García, 2014). Assim, a melhor qualidade das relações pode associar-se a maior satisfação da vida pessoal e profissional (Buhl, 2007; Gore & Aseltine, 2003) bem como a melhores competências sociais (Faria, 2008) verificando-se que a existência de um adequado ambiente familiar (i.e., suporte e aceitação) contribui para o bem-

estar individual, influenciando a percepção das práticas parentais (Hetherington e Stanley-Hagan, 1999).

A percepção de bem-estar dos pais pode também ser influenciada pela sua autoeficácia parental, que se traduz nas expectativas dos pais referentes à adequação das suas competências parentais (Jones & Prinz, 2005) face à priorização das necessidades da criança consoante o seu nível de desenvolvimento (Aparício, 2017). Pais com elevada percepção de autoeficácia utilizam práticas parentais mais positivas, enquanto pais com baixa percepção de autoeficácia possuem poucas capacidades de agir eficazmente com crianças desafiadoras, optando por desistir ou utilizar estratégias punitivas e severas (Jones & Prinz, 2005). Face ao referido, caso a satisfação com a parentalidade e a percepção de autoeficácia parental estejam comprometidas, irão gerar elevados níveis de stress parental, repercutindo-se em consequências sintomatológicas ao nível cognitivo, emocional e comportamental (e.g., ansiedade, depressão, stress pós-traumático, pensamentos obsessivo-compulsivos e queixas somáticas) (Vaz, 2007).

Igualmente, o bem-estar parental é influenciado pelo stress parental, que surge devido ao conflito entre as exigências existentes e os recursos apresentados (i.e., mecanismos de coping) (Vaz, 2007). Os indutores de stress são de natureza física (e.g., privação de alimentação), psicológica (e.g., conflitos interpessoais) e social (e.g., desemprego) podendo ser quantificados qualitativamente (i.e., avaliação do impacto do acontecimento) e quantitativamente (i.e., repetição do acontecimento) (Vaz, 2007). O stress na parentalidade é considerado um dos principais desestabilizadores das funções parentais (Holde & Banez, 1996), surgindo como uma reação de conflito, entre as exigências existentes da parentalidade e os recursos apresentados (i.e., mecanismos de coping) (Vaz, 2007), gerando sentimentos negativos acerca de si e da criança (Crnic & Low, 2002) e influenciando a maneira como os pais atuam (Bayle & Martinet, 2008). A sintomatologia do stress ocorre ao nível cognitivo, emocional e comportamental (Vaz, 2007) sendo que pode manifestar-se através de ansiedade, depressão, stress pós-traumático, pensamentos obsessivo-compulsivos e queixas somáticas (Vrijmoet-Wiersma et al, 2009). Quanto mais elevado for o nível de stress parental, pior será o ambiente fornecido às crianças (Silva e Aiello, 2009), verificando-se que estas tornam-se mais vulneráveis à ansiedade e a problemas de externalização (Friedman et al, 2004). Desta forma, o stress parental pode resultar numa baixa satisfação parental visto que pais com stress apresentam baixo suporte familiar e social, baixa qualidade de vida e problemas psicológicos (Lange et al., 2005). Boas estratégias para lidar com o stress assentam, principalmente, na valorização dos relacionamentos interpessoais, no equilíbrio entre o trabalho e o lazer e nos cuidados de saúde (Zonta et al.,

2006). Assim sendo, torna-se necessário a participação dos pais em programas de intervenção para redução do stress parental (Caldwell et al., 2006) porque quanto maior for o apoio social menor será o stress parental (Bellé et al., 2009; Siman-Tov & Kaniel, 2011).

1.4. Problema de investigação e objetivos

De acordo com o exposto, a investigação tem sugerido que as experiências na infância são um importante preditor do bem-estar e ajustamento psicológico dos indivíduos em adultos. Para além disso, o Modelo do Funcionamento Parental propõe que a relação estabelecida entre o bem-estar psicológico dos pais e o seu funcionamento parental tem origem nas experiências aquando do seu crescimento e desenvolvimento (García & García, 2014). Por outro lado, as experiências na infância têm impacto nas práticas parentais, através processos de modelação (i.e., aprendizagem por observação) (Bandura, 1979) e de transmissão intergeracional de crenças e valores relativos à educação das crianças.

Assim, o objetivo do presente estudo é examinar o papel das experiências de suporte emocional, rejeição e sobreproteção na infância na qualidade de vida (dimensão psicológica) de pais e mães, e especificamente explorar o papel mediador das suas práticas parentais atuais, com os seus filhos, nesta relação. Iremos explorar ainda as diferenças entre as experiências parentais na infância com o pai e com a mãe.

Considerando a revisão da literatura conduzida, espera-se que mais experiências negativas na infância (i.e., baixo suporte emocional, elevada rejeição e elevada sobreproteção) estejam associados a menos qualidade de vida, através do exercício de práticas parentais com os seus filhos mais desadaptativas (e.g., baixo suporte social, elevada rejeição e controlo dos filhos).

Parte II - Metodologia

2.1. Participantes

No presente estudo participou uma amostra de conveniência, em função da acessibilidade e disponibilidade, que cumpria os seguintes critérios de inclusão: residir em Portugal e ter pelo menos um filho com idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos de idade.

A amostra é constituída por 97 indivíduos, dos quais 77 do sexo feminino (80.2%) e 19 do sexo masculino (19.8%), de nacionalidade Portuguesa (100%) residindo na sua maioria em Lisboa (60.4%) e Setúbal (25%), com idades compreendidas entre os 25 e 54 anos ($M = 40.26$, $DP = 5.59$).

Relativamente às habilitações literárias, 57.3% concluíram o Ensino Superior e 32.3% o Ensino Secundário.

Atualmente, no que concerne à situação laboral, 93.8% encontram-se empregados e apenas 4% em situação de desemprego. Dos empregados, 40% auferem um rendimento bruto mensal entre os 2000€ e 3000€ e, identicamente, com 25.8% auferem um rendimento bruto mensal entre os 1000€ e 2000€ ou superior a 3000€, respetivamente.

Referente ao estado civil, 78.4% dos participantes são casados, 15.5% são solteiros e 6.2% divorciados. Os participantes têm em média 2 filhos ($M = 2.11$, $DP = 1.16$), maioritariamente do sexo masculino (55.7%), com uma média de 8 anos de idade ($M = 8.27$, $DP = 1.71$).

2.2. Instrumentos

O **EMBU-M** (*Egna Minnen Besträffande Uppfostran-M*) (Perris et al., 1980; versão portuguesa de Canavarro, 1996) tem como objetivo avaliar a ocorrência de práticas parentais educativas durante a infância ou adolescência relativamente à figura paterna e materna, separadamente. A versão portuguesa deste instrumento, constituída por 23 itens, avalia as dimensões de: (a) apoio emocional (i.e., comportamentos parentais de apoio e afetividade através de ajuda, aprovação, encorajamento e demonstrações de afeto) (e.g., “*Os meus pais elogiam-me.*”), (b) rejeição (i.e., comportamentos parentais para alteração do comportamentos dos filhos através de castigos, privações e punições) (e.g., “*Os meus pais são severos ou zangam-se comigo sem me explicarem porquê*”) e (c) sobreproteção (i.e., comportamentos parentais de excessiva proteção, intrusão e imposição) (e.g., “*Desejo que os meus pais se preocupem menos com o que eu faço.*”), avaliados numa escala de Likert de 4 pontos, entre 1 = *Não, nunca* e 4 = *Sim, a maior parte do tempo*.

No presente estudo, foram obtidos valores de consistência interna bons, nomeadamente: (a) suporte emocional ($\alpha = .896$), (b) rejeição ($\alpha = .853$) e (c) sobreproteção ($\alpha = .652$) para a figura materna e (a) suporte emocional ($\alpha = .906$), (b) rejeição ($\alpha = .810$) e (c) sobreproteção ($\alpha = .573$) para a figura paterna.

O **EMBU-P** (*Egna Minnen Besträffande Uppfostran-P*) (versão original de Castro et al., 1997, versão portuguesa de Canavarro et al., 2003) tem como objetivo avaliar os estilos parentais educativos percebidos pelos próprios progenitores. A versão portuguesa deste instrumento, constituída por 42 itens, avalia as dimensões de: (a) suporte emocional (i.e., demonstrações de suporte afetivo, disponibilidade e aceitação parental) (e.g., “*Demonstra ao seu filho, com palavras e gestos, que gosta dele?*”), (b) rejeição (i.e., demonstração de comportamentos de agressividade e não-aceitação) (e.g., “*Castiga o seu filho mesmo no caso de pequenas faltas?*”) e (c) tentativa de controlo (i.e., intenção e demonstração de controlo e exigência de comportamento) (e.g., “*Tenta influenciar o seu filho para que ele venha a ser uma pessoa bem colocada na vida?*”). Os itens são avaliados numa escala de Likert de 4 pontos, entre 1 = *Não, nunca* e 4 = *Sim, sempre*.

Os níveis de consistência obtidos para o presente estudo são considerados aceitáveis a frágeis, nomeadamente: (a) suporte emocional ($\alpha = .763$), (b) rejeição ($\alpha = .650$) e (c) tentativa de controlo ($\alpha = .627$).

O **WHOQOL-Brief** (*World Health Organization Quality of Life Instruments – Brief*) (versão portuguesa do Instrumento Abreviado de Avaliação da Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde) tem como objetivo a avaliação subjetiva da qualidade de vida. A versão portuguesa deste instrumento, constituída por 26 itens, avalia diferentes dimensões: os dois primeiros itens avaliam a qualidade de vida geral e a perceção geral da saúde numa escala de Likert de 5 pontos, entre 1 = *Muito Má* ou *Muito Satisfeito* e 5 = *Muito Boa* ou *Muito Satisfeito* (e.g., “*Como avalia a sua qualidade de vida?*”) e os restantes 24 itens avaliam os domínios físico, psicológico, relações sociais e ambiente numa escala de Likert de 5 pontos, entre 1 = *Nada*, *Muito Má* ou *Muito Insatisfeito* e 5 = *Muitíssimo*, *Completamente*, *Muito Boa* ou *Muito Satisfeito* (Canavarro et al., 2006). No presente estudo, estávamos apenas interessados no domínio psicológico (e.g., “*Até que ponto gosta da vida?*”), que revelou um nível de consistência interna bons ($\alpha = .817$).

2.3. Procedimento de recolha e análise de dados

O presente estudo integra um projeto alargado de investigação entre o ISCTE-IUL e a ULHT, aprovado previamente pela Comissão de Ética do ISCTE-IUL (Ref. 08/2019).

Os dados foram recolhidos online, através da plataforma *Qualtrics*, tendo sido o link divulgado através de redes sociais.

Foi inicialmente esclarecida de forma clara a natureza do estudo. Através do consentimento informado, foi assegurado o carácter voluntário da participação, isto é, a possibilidade de desistência a qualquer momento sem qualquer prejuízo, bem como a confidencialidade dos dados recolhidos e o seu uso exclusivo para fins de investigação. Posteriormente, foi fornecido aos participantes os contactos dos investigadores para qualquer esclarecimento adicional.

Para a realização das análises estatísticas foram utilizados os softwares: IBM SPSS Statistics 26 para as análises descritivas, correlações de *Pearson* e *Paired-Samples T Test*; e AMOS 27 para o teste dos modelos de mediação, com uma abordagem *bootstrap* (95% - intervalos de confiança; *bias corrected bootstrapping*; 5000 reamostragens). Os seguintes critérios serão utilizados para analisar o ajustamento dos modelos $\chi^2/df < 2$; CFI próximo de 1 (Bentler, 1990) e o RMSEA abaixo de .10 (MacCallum et al. 1996). Considerando o carácter exploratório destes modelos, iremos aceitar níveis de significância menores do que 0.10.

Parte III - Resultados e discussão

3. Resultados

3.1. Experiências na infância com o pai e com a mãe

Na Tabela 1 são apresentadas as estatísticas descritivas das variáveis em estudo. A análise específica das experiências de parentalidade na infância revelou existirem diferenças significativas nas experiências com o pai e com a mãe. Especificamente, os participantes revelaram ter tido mais suporte emocional da sua mãe ($M = 20.21$; $DP = 5.18$) do que do seu pai ($M = 18.52$; $DP = 6.63$), $t(96) = 3.316$, $p = .001$ e também mais sobreproteção materna ($M = 15.38$; $DP = 3.73$) do que paterna ($M = 14.05$; $DP = 3.46$), $t(96) = 4.798$, $p < .001$. Já as experiências de rejeição revelaram ter sido mais elevadas por parte da mãe ($M = 14.12$; $DP = 5.12$) do que do pai ($M = 10.96$; $DP = 3.82$), $t(96) = 6.344$, $p < .001$.

Tabela 1

Média, desvio-padrão e amplitude para as variáveis em estudo (n = 97).

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Mín - Máx</i>
<i>EMBU-P</i>			
1. Suporte emocional	66.61	4.49	52-74
2. Rejeição	32.07	6.38	19-45
3. Tentativa de controlo	39.62	6.56	19-51
<i>EMBU-M Mãe</i>			
4. Suporte emocional	20.21	5.18	7-28
5. Rejeição	14.12	5.12	9-33
6. Sobreproteção	15.38	3.73	7-26
<i>EMBU-M Pai</i>			
7. Suporte emocional	18.52	5.63	7-28
8. Rejeição	10.96	3.82	7-26
9. Sobreproteção	14.05	3.46	7-27
10. Qualidade vida psicológica	74.44	14.35	38-100

3.2. Associação entre as variáveis em estudo

Na Tabela 2 são apresentados os resultados da análise de correlações relativamente às variáveis em estudo.

Os resultados obtidos indicam que mais práticas parentais atuais de suporte emocional estão associadas a maiores níveis de suporte emocional da mãe ($r = .217$, $p = .033$) e do pai ($r = .215$, $p = .034$) na infância e a maiores níveis de sobreproteção do pai na infância ($r = .302$, p

= .003). Por outro lado, maiores níveis de qualidade de vida psicológica estão associados a mais práticas parentais atuais de suporte emocional ($r = .277, p = .006$) e menos práticas parentais de rejeição ($r = -.369, p < .001$) e controlo ($r = -.225, p = .027$), assim como a menos experiências de rejeição da mãe na infância ($r = -.230, p = .023$).

Tabela 2.

Correlações entre variáveis (n = 97).

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.
<i>EMBU-P</i>										
1. Suporte emocional	-									
2. Rejeição	.197	-								
3. Tentativa de controlo	.072	.249*	-							
<i>EMBU-M Mãe</i>										
4. Suporte emocional	.217*	-.019	.032	-						
5. Rejeição	.028	.154	.067	.579**	-					
6. Sobreproteção	.193	.111	.056	-.034	.341**	-				
<i>EMBU-M Pai</i>										
7. Suporte emocional	.215*	-.159	-.060	.571**	-.349**	-.069	-			
8. Rejeição	.078	.164	.097	.314**	.426**	.232*	-.472**	-		
9. Sobreproteção	.302**	.098	.104	.090	.090	.714**	-.052	.456**	-	
10. Qualidade vida psicológica	.277**	-.369**	-.225*	.136	-.230*	-.107	.171	-.022	.053	-

* p < .05.

** p < .01.

3.3. Papel mediador da parentalidade atual na relação entre as experiências com os pais na infância e a qualidade de vida psicológica em adulto

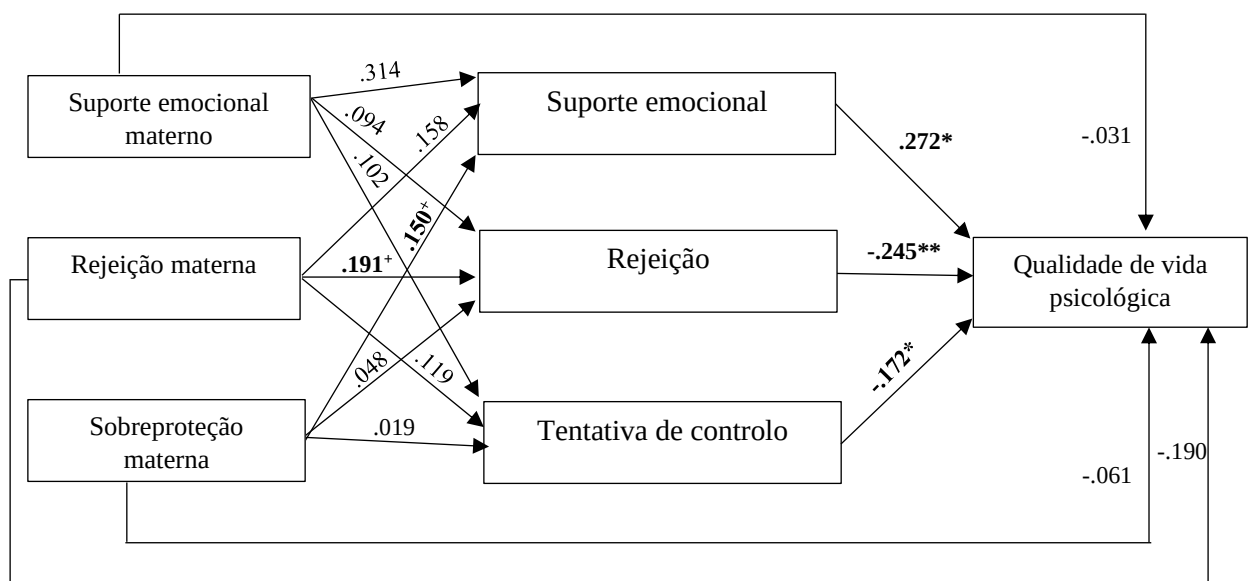
O modelo de mediação considerando as experiências parentais com a mãe na infância é apresentado na Figura 1, os resultados revelam não existirem efeitos indiretos significativos. Ainda assim foram encontrados efeitos diretos significativos que importa explorar. Os resultados sugerem que a sobreproteção da mãe na infância tem um efeito direto nas práticas parentais de suporte emocional ($\beta = .150$, $p = .087$), sugerindo que os participantes que reportaram mais sobreproteção materna na infância prestam maior suporte emocional aos seus filhos. No mesmo sentido, mais experiências de rejeição da mãe na infância estão positivamente associadas a maior rejeição parental exercida com os seus filhos ($\beta = .191$, $p = .064$).

Por outro lado, as práticas parentais atuais, com os seus filhos, apresentam efeitos diretos significativos na qualidade de vida psicológica. Especificamente, os pais que revelam ter mais práticas de suporte emocional ($\beta = .272$, $p = .046$) e menos práticas de rejeição ($\beta = -.245$, $p = .006$) e controlo ($\beta = -.172$, $p = .022$) apresentam melhores níveis de qualidade de vida psicológica.

Todavia, o modelo revela indicadores de ajustamento pouco adequados ($\chi^2(4) = 12.926$, $p = .012$, $\chi^2/df = 3.232$; comparative fit index (CFI) = .900; and root mean square error of approximation (RMSEA) = .152)

Figura 1.

Resultados do modelo de mediação da parentalidade atual na relação entre as experiências maternas na infância e a qualidade de vida em adulto.



+ $p < .10$, * $p < .05$, ** $p < .01$

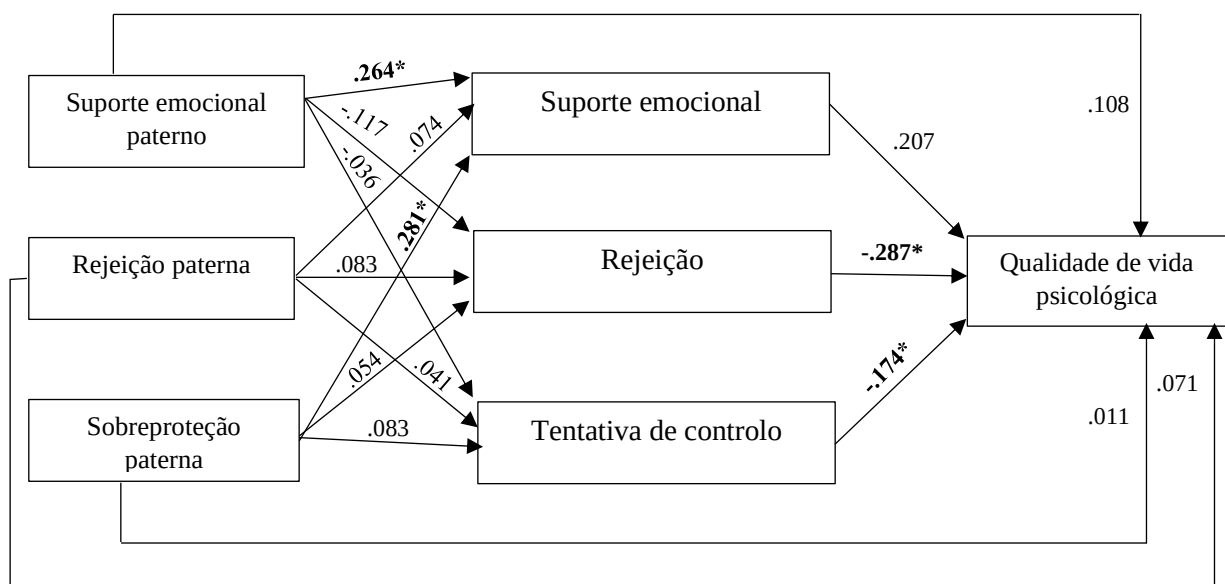
Sobre as experiências na infância com o pai, o modelo de mediação é apresentado na Figura 2, e os resultados revelam não existirem igualmente efeitos indiretos significativos. Todavia, à semelhança do modelo anterior, foram encontrados efeitos diretos significativos. Os resultados sugerem que a sobreproteção do pai na infância tem um efeito direto nas práticas parentais de suporte emocional ($\beta = .281, p = .014$), indicando que os participantes que reportaram mais experiências parentais na infância de sobreproteção paterna apresentam maior suporte emocional para com os seus filhos. No mesmo sentido, mais experiências de suporte emocional do pai na infância estão positivamente associadas a maior suporte emocional exercido com os seus filhos ($\beta = .264, p = .037$).

Por outro lado, as práticas parentais atuais, com os seus filhos, apresentam efeitos diretos significativos na qualidade de vida psicológica. Especificamente, os pais que revelam ter mais práticas de controlo ($\beta = -.174, p = .027$) e rejeição ($\beta = -.287, p = .011$) apresentam piores níveis de qualidade de vida psicológica.

Todavia, o modelo de mediação para as experiências de parentalidade paterna revela indicadores de ajustamento pouco adequados ($\chi^2(4) = 11.441, p = .022, \chi^2/df = 2.860$; comparative fit index (CFI) = .912; and root mean square error of approximation (RMSEA) = .139).

Figura 2.

Resultados do modelo de mediação da parentalidade atual na relação entre as experiências paternas na infância e a qualidade de vida em adulto.



⁺ $p < .10$, * $p < .05$

4. Discussão

As experiências com os pais na infância têm revelado ter um importante papel no bem-estar e ajustamento psicológico dos indivíduos em adultos, influenciando igualmente o seu próprio funcionamento enquanto pais. No sentido de compreender melhor esta relação, o presente estudo teve como objetivo principal examinar o papel das experiências de suporte emocional, rejeição e sobreproteção na infância na qualidade de vida psicológica de pais e mães adultos e, especificamente, explorar o papel mediador das suas práticas parentais atuais, com os seus filhos, nesta relação. Explorou ainda as diferenças entre as experiências na infância com o pai e com a mãe.

Comparando as experiências na infância com o pai e com a mãe, os resultados indicaram maior suporte emocional por parte da mãe na infância, mas também mais sobreproteção e rejeição. A literatura tem evidenciado, de um modo geral, o papel ativo da mãe na educação da criança, em comparação com o envolvimento do pai (US DHS, 2005). O envolvimento da mãe continua a ser substancialmente elevado, e as mães passam entre duas a três vezes mais tempo no contacto direto com a criança (Social Cultureel Planbureau, 2011), o que pode levar a mais “oportunidades” de exercer práticas mais ou menos bem-sucedidas. Todavia, a investigação que compara mães e pais na sua sensibilidade e intrusividade sugere que os pais demonstram menores níveis de sensibilidade e maiores níveis de intrusividade do que as mães (e.g., Barnett et al., 2008). A literatura tem também evidenciado que a mãe, contrariamente ao pai, apresenta uma maior probabilidade de ser responsabilizada em casos de negligência (Bartlett et al., 2017).

No que tange à hipótese principal do nosso estudo, que previa uma associação entre as experiências com os pais na infância e a qualidade de vida em adulto, mediada pelo funcionamento parental dos próprios em relação aos seus filhos, não foram encontrados efeitos de mediação, nem para as experiências na infância com o pai nem com a mãe.

Ainda assim, os resultados revelam efeitos diretos que passaremos a explorar.

Relativamente ao papel das experiências da infância na parentalidade atual, os resultados revelaram-se diferentes para a mãe e para o pai. Para as experiências com a mãe, maiores níveis de sobreproteção na infância revelaram estar associados a mais práticas de suporte emocional para com os filhos, e mais experiências de rejeição materna na infância mostraram estar associadas a mais práticas parentais atuais de rejeição. Para as experiências com o pai, mais sobreproteção na infância também revelou estar associado a mais práticas parentais atuais de suporte emocional (à semelhança da mãe), mas também maiores níveis de suporte emocional do pai na infância demonstraram estar associados a mais suporte emocional atual, para com os

filhos. Por um lado, as diferentes experiências com pai e mãe na infância parecem ter impactos diferentes na forma como os pais, em adultos, exercem a sua parentalidade. Especificamente, as experiências negativas com a mãe na infância, nomeadamente de rejeição, parecem ter um impacto negativo na parentalidade dos indivíduos, através da influência que exercem no desenvolvimento socio-emocional das crianças (e.g., Bakermans-Kranenburg et al., 2003). Por outro lado, as experiências positivas com o pai, nomeadamente de suporte emocional, parecem funcionar como um fator extra com impacto positivo no desenvolvimento do indivíduo, e especificamente na sua função parental. Este resultado remete-nos para os estudos sobre o papel do pai no dia-a-dia da criança, que têm sugerido que o pai participa mais nas atividades lúdicas e de brincadeira do que a mãe (mais ocupada com a prestação de cuidados; e.g., Yeung et al., 2001), que está por sua vez associado a vinculações mais seguras (e.g., Fuertes et al., 2016).

No que se refere ao papel do funcionamento parental dos pais na sua perceção de qualidade de vida, os resultados demonstraram que o exercício de uma parentalidade positiva (i.e., mais práticas parentais de suporte emocional, e menos práticas parentais de rejeição e controlo) está associado a maiores níveis de qualidade de vida psicológica dos adultos. Este resultado vai de encontro à literatura que indica que relações mais positivas estão associadas a maiores níveis de satisfação com a vida (Buhl, 2007; Gore & Aseltine, 2003), nomeadamente no contexto familiar, influenciando o ambiente familiar e contribuindo para o bem-estar individual (e.g., Hetherington & Stanley-Hagan, 1999). Cabe salientar que existe necessidade de atender não só às necessidades das crianças, mas também às necessidades dos pais visto que o bem-estar psicológico deles é fundamental para uma boa prática parental (Feniger-Schaal & Joels, 2018).

Apesar dos importantes contributos, este estudo apresenta algumas limitações. Especificamente, uma considerável limitação do estudo é a amostra não representativa, recolhida por conveniência (i.e., divulgada pelos contactos pessoais das pessoas envolvidas no estudo) que acarreta implicações visto que pode ser uma fonte de enviesamentos e não ser adequada para fazer inferência e generalizações. Assim, uma segunda limitação relativa à amostra é o facto de a amostra ser empoderada do ponto de vista socioeconómico (i.e., maioritariamente do Ensino Superior com rendimentos elevados), o que poderá ter implicações nos resultados (i.e., resultados diferentes com nível socioeconómico mais baixo) tendo em consideração que a literatura revela existir uma influência da pobreza na parentalidade (e.g., Hoff & Laursen, 2019).

Outra limitação assenta na possível existência do efeito de desejabilidade social (i.e., os participantes atribuírem-se atitudes ou comportamentos socialmente desejáveis e rejeitarem a presença de atitudes ou comportamentos socialmente indesejáveis) visto que os questionários incidiam sobre questões da esfera íntima (i.e., questões pessoais, relacionais e familiares). Ainda assim, o estudo foi realizado on-line e sem a presença de um investigador, o que poderá ter atenuado este efeito. Por último, a natureza correlacional do estudo não permite estabelecer uma relação de causa-efeito entre as variáveis, ainda que os dados relativos à infância sejam retrospectivos.

Em suma, a infância tem um papel preponderante na vida todos os indivíduos não podendo por isso ser esquecida. Assim sendo, espera-se que este estudo suscite reflexões acerca da importância da continuação de estudos relativos à parentalidade e aos estilos parentais de forma que abranja práticas parentais inclusivas de modo a contribuírem positivamente para o bem-estar e o desenvolvimento saudável da criança que mais tarde tornar-se-á um adulto.

Conclusão

Os estilos e práticas dos pais na infância parecem ter influência num conjunto de domínios da vida da criança, com implicações no ajustamento psicológico e bem-estar futuro dos indivíduos (e.g., Edwards et al., 2003). Vários são os estudos que têm evidenciado que as experiências parentais na infância apresentam uma importante influência na forma como os pais exercem, enquanto adultos, a sua função parental (e.g., Lundberg et al., 2000). Todavia, pouco se tem estudado sobre o papel dos estilos e práticas parentais dos indivíduos na relação entre as experiências da infância e a sua qualidade de vida e ajustamento psicológico em adulto.

De um modo geral, os resultados da presente investigação sugerem que as práticas parentais atuais positivas se encontram associadas a mais experiências positivas na infância, com ambos os progenitores. Para além disso, os resultados revelaram também que a qualidade de vida psicológica dos indivíduos adultos parece estar relacionada, entre outras coisas, com o exercício de uma parentalidade positiva.

Considera-se que ao nível da metodologia poderão existir limitações, especificamente, na constituição e respetivas respostas da amostra visto que, na sua génese, a amostra para além de não ser representativa era empoderada do ponto de vista socioeconómico refletindo-se na possível existência do efeito de desejabilidade social.

Ainda assim, a presente investigação permitiu contribuir para uma melhor compreensão da transmissão intergeracional das práticas parentais, e do papel do funcionamento parental na qualidade de vida e bem-estar psicológico dos indivíduos. Teoricamente, apresenta-se como um contributo para a investigação acerca do papel do exercício da parentalidade na qualidade de vida dos indivíduos na idade adulta, cuja literatura é escassa. É também um primeiro passo na investigação sobre a influência que pai e mãe, distintamente, têm nas práticas parentais dos indivíduos. Ao nível das implicações para a prática profissional, o presente estudo pode informar sobre a importância do papel da parentalidade no ajustamento psicológico dos indivíduos, reforçando a importância dos programas de promoção da parentalidade e das políticas públicas de apoio aos pais (e.g., Ashori et al., 2019).

Referências

- Ainsworth, M. (1967). *Infancy in Uganda: Infant care and the growth of love*. Johns Hopkins University Press.
- Ainsworth, M. D. S. (1978). *Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Alvarenga, P. (2001). Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento. In H. J. Guilhardi (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade* (pp. 54-61). Esetec.
- Ashori, M. et al., (2019). The effect of positive parenting program on mental health in mothers of children with intellectual disability. *Journal of Intellectual Disabilities*, 23, 385-396. <https://doi.org/10.1177/1744629518824899>
- Azevedo, M. C. & Maia, A. C. (2006). *Maus-tratos à Criança*. Climepsi Editores.
- Bakermans-Kranenburg, M. J. et al., (2003). Less is more: A meta-analysis of sensitivity and attachment interventions in early childhood. *Psychological Bulletin*, 129, 195-215. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.2.195>
- Bandura, A. (1979). *Modificação do comportamento*. Interamericana.
- Bartlett, J. D., Kotake, C., Fauth, R., & Easterbrooks, M. A. (2017). Intergenerational transmission of child abuse and neglect: Do maltreatment type, perpetrator, and substantiation status matter?. *Child Abuse & Neglect*, 63, 84-94. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2016.11.021>
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907. <https://doi.org/10.2307/1126611>
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4, 1-103. <https://doi.org/10.1037/h0030372>
- Bayle, S., & Martinet, F. (2008). *Perturbações da Parentalidade*. Climepsi Editores.
- Bellé, A. H., Andrezzaa, A. C, Ruschela, J., & Bosa, C. A. (2009). Estresse e adaptação psicossocial em mães de crianças com transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22, 317-325. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000300001>
- Belsky, J. & Jaffee, S. (2006). The multiple determinants of parenting. In D. Cicchetti & D. Cohen (Eds.), *Developmental Psychopathology* (2nd ed., pp. 38-77). Wiley. <https://doi.org/10.1002/9780470939406.ch2>

- Benavente, R., Justo, J., & Veríssimo, M. (2009). Os efeitos dos maus-tratos e da negligência sobre as representações da vinculação em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 1, 21-31. <https://doi.org/10.14417/ap.40>
- Bentler, P. (1990). Comparative fit indexes in structural models. *Psychological Bulletin*, 107, 238–246. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.107.2.238>
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Clinical applications of attachment theory*. Routledge.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda: Apego*, Vol. 1 (2ª ed.). Martins Fontes.
- Bradburn, N. M., & Noll, C. E. (1969). *The structure of psychological well-being*. Aldine Publishing.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Artes Médicas.
- Caldwell, C. L. et al. (2007). Effectiveness of a multiple family group intervention for juvenile first offenders in reducing parent stress. *Journal of Child and Family Studies*, 16, 443–459. <https://doi.org/10.1007/s10826-006-9097-y>
- Cantril, H. (1967). *The pattern of human concerns*. Rutgers University Press.
- Cecconello, A. (2003). Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Centers for Disease Control and Prevention. (2016). About the CDC Kaiser ACE Study. Retrieved from <http://www.cdc.gov/violenceprevention/acestudy/about.html>.
- Crnic, K., & Low, C. (2002). Everyday stresses and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Practical issues in parenting* (p. 243–267). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Cummings, E., Keller, P. S., & Davies, P. T. (2005). Towards a family process model of maternal and paternal depressive symptoms: Exploring multiple relations with child and family functioning. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46, 479-489. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2004.00368.x>
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487–496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542–575. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.95.3.542>
- Diener, E., & Lucas, R. (2000). Subjective emotional well-being. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of emotions* (2nd ed., pp. 325-337). Guilford.

- Diener, E. et al. (1997). Recent findings on subjective well-being. *Indian Journal of Clinical Psychology*, 24, 25–41.
- Edwards, V. J., Holden, G. W., Felitti, V. J., & Anda, R. F. (2003). Relationship between multiple forms of childhood maltreatment and adult mental health in community respondents: results from the adverse childhood experiences study. *The American Journal of Psychiatry*, 160, 1453–1460. <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.160.8.1453>
- Farinatti, F. (1993). *Pediatria social: A criança maltratada*. Medsi.
- Fuertes, M., Faria, A., Beeghly, M., & Lopes-dos-Santos, P. (2016). The effects of parental sensitivity and involvement in caregiving on mother–infant and father–infant attachment in a Portuguese sample. *Journal of Family Psychology*, 30, 147–156. <https://doi.org/10.1037/fam0000139>
- Garbarino, J. & Eckenrode, J. (1997). *Understanding abusive families: An ecological approach to theory and practice*. Jossey-Bass.
- García, F., & Gracia, E. (2014). The indulgent parenting style and developmental outcomes in south european and latin american countries. In H. Selin (Ed.), *Parenting across cultures. science across cultures: The history of non-western science* (pp. 419-430). Springer. https://doi.org/10.1007/978-94-007-7503-9_31
- Graham, C. A., & Easterbrooks, M. A. (2000). School-aged children's vulnerability to depressive symptomatology: the role of attachment security, maternal depressive symptomatology, and economic risk. *Development and psychopathology*, 12, 201–213. <https://doi.org/10.1017/s0954579400002054>
- Gray, M. R., & Steinberg, L. (1999). Unpacking authoritative parenting: Reassessing a multidimensional construct. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 574–587. <https://doi.org/10.2307/353561>
- Grotevant, H. D., & Cooper, C. R. (1988). The role of family experience in career exploration: A life-span perspective. In P. B. Baltes, D. L. Featherman, & R. M. Lerner (Eds.), *Life-span development and behavior* (Vol. 8, pp. 231–258). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Grych, J. H. (2002). Marital relationships and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Social conditions and applied parenting* (p. 203–225). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Gurin, G. et al, (1960). *American views their mental health*. Basic Books.

- Harkness, S., & Super, C. M. (2002). Culture and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Biology and ecology of parenting* (p. 253–280). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Hetherington, E. M., & Stanley-Hagan, M. (1999). The adjustment of children with divorced parents: A risk and resiliency perspective. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 40, 129–140. <https://doi.org/10.1111/1469-7610.00427>
- Hoff, E., & Laursen, B. (2019). Socioeconomic status and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Biology and ecology of parenting* (pp. 421–447). Routledge/Taylor & Francis Group. <https://doi.org/10.4324/9780429401459-13>
- Hoghugh, M. S. (2004). Parenting: an introduction. In M. S. Hoghugh & N. Long (Eds.), *Handbook of Parenting Theory and Research for Practice* (pp. 1-18). Sage.
- Jones, T., & Prinz, R. (2005). Parental roles of parental self-efficacy in parent and child adjustment: A review. *Clinical Psychology Review*, 25, 341-363. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2004.12.004>
- Kashani, J. & Allan, W. (1998). *The impact of family violence on children and adolescents*. Sage. <https://doi.org/10.1080/14616660310001599480>
- Kessler, R. et al., (2010). Childhood adversities and adult psychopathology in the WHO World Mental Health Surveys. *The British journal of psychiatry: the journal of mental science*, 197, 378–385. <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.110.080499>
- Koller, S. (1999). Violência doméstica: uma visão ecológica. In AMENCAR (Org.), *Violência doméstica* (pp.32-42). UNICEF.
- Lundberg, M., Perris, C., Schlette, P., & Adolfsson, R. (2000). Intergenerational transmission of perceived parenting. *Personality and Individual Differences*, 28, 865–877. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(99\)00144-0](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(99)00144-0)
- MacCallum, R., Browne, M. W., & Sugawara, H. M. (1996). Power analysis and determination of sample size for covariance structure modeling. *Psychological Methods*, 1, 130-149. <https://doi.org/10.1037/1082-989X.1.2.130>
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington (Eds.), *Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development* (vol.4, pp. 1-101). Wiley.
- Malekpour, M. (2007). Effects of attachment on early and later development. *The British Journal of Developmental Disabilities*, 53, 81-95. <https://doi.org/10.1179/096979507799103360>

- Marques, R. (2006). *Crianças acolhidas em lar residencial: Representações de vinculação, desenvolvimento, competências sociais e comportamento* [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa
- McLaughlin, K., & Sheridan, M. (2016). Beyond cumulative risk: A dimensional approach to childhood adversity. *Current Directions in Psychological Science*, 25, 239-245. <https://doi.org/10.1177/0963721416655883>
- Morimoto, Y., & Sharma, A. (2004). Long-term outcomes of verbal aggression. *Journal of Emotion Abuse*, 4, 71-99. http://doi.org/10.1300/J135v04n02_04
- Morse, M. K. (2010). *The determinants and consequences of empathic parenting: Testing an expansion of Belsky's model of parenting using SEM* [Tese de Doutorado]. Universidade North Texas
- Mowbray, C., Oyserman, D., Bybee, D., & MacFarlane, P. (2002). Parenting of mothers with a serious mental illness: Differential effects of diagnosis, clinical history, and other mental health variables. *Social Work Research*, 26, 225-240. <http://doi.org/10.1093/swr/26.4.225>
- Oates, R. K. et al., (2000). Child physical abuse. In R. Ammerman & M. Hersen (Orgs.), *Cases studies in family violence* (pp. 133-176). Plenum.
- Parke, R.D. & Buriel, R. (2006). Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. In W. Damon & N. Eisenberg (Eds.), *Handbook of child psychology: Vol. 3. Social, emotional, and personality development* (6th ed., pp. 429-504). Wiley.
- Pelcovitz, D., Kaplan, S. J., Ellenberg, A., Labruna, V., Salzinger, S., Mandel, F., & Weiner, M. (2000). Adolescent physical abuse: age at time of abuse and adolescent perception of family functioning. *Journal of Family Violence*, 15, 375-389. <http://doi.org/10.1023/A:1007506313663>
- Pires, J. (1999). Violência na infância: Aspectos clínicos. In Amencar (Org.), *Violência doméstica* (pp. 61-70). UNICEF.
- Rizzini, I., & Dawes, A. (2001). Editorial on cultural diversity and childhood diversity. *Childhood*, 8, 315-321. <https://doi.org/10.1177/0907568201008003001>
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Jorge Zahar.
- Sigel, I. E., & McGillicuddy-De Lisi, A. V. (2002). Parent beliefs are cognitions: The dynamic belief systems model. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Being and becoming a parent* (p. 485-508). Lawrence Erlbaum Associates Publishers

- Siman-Tov, A., & Kaniel, S. (2011). Stress and personal resource as predictors of the adjustment of parents to autistic children: a multivariate model. *Journal of autism and developmental disorders*, 41, 879–890. <https://doi.org/10.1007/s10803-010-1112-x>
- Simons, R. L., Whitbeck, L. B., Conger, R. D., & Wu, C. (1991). Intergenerational transmission of harsh parenting. *Developmental Psychology*, 27, 159–171. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.27.1.159>
- Soares, I. (2009). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (2ª ed.). Psiquilíbrios.
- Sociaal Cultureel Planbureau. (2011). Gezinsrapport 2011 (SCP publication No. 2011-7). Retrieved from <http://www.scp.nl/dsresource?objectid=28448&type=org>
- Sroufe, L. A. (2000). Early relationships and the development of children. *Infant Mental Health Journal*, 21, 67-74. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-0355\(200001/04\)21:1/23.0.CO;2-2](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-0355(200001/04)21:1/23.0.CO;2-2)
- Yeung, W. J., Sandberg, J. F., Davis-Kean, P. E., & Hofferth, S. L. (2001). Children's time with fathers in intact families. *Journal of Marriage and Family*, 63, 136 –154. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1741-3737.2001.00136.x>
- Zonta, R., Robles, A. C., & Grosseman, S. (2006). Stress coping strategies developed by medical students of the Federal University of Santa Catarina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 30, 147-153. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022006000300005>
- Weber, L. (2005). *Eduque com carinho: Equilíbrio entre amor e limites*. Juruá.
- Williams, L. R., Degnan, K. A., Perez-Edgar, K. E., Henderson, H. A., Rubin, K. H., Pine, D. S., ... & Fox, N. A. (2009). Impact of behavioral inhibition and parenting style on internalizing and externalizing problems from early childhood through adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37, 1063–1075. <https://doi.org/10.1007/s10802-009-9331-3>